

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 229 — Domingo, 27 de Outubro de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMÍNGUES

AVENÇA

CARTA DE LISBOA

ENTRE VÁRIOS ACONTECIMENTOS

Um verão plácido e entediante sucedeu um Outono agitado, excessivamente agitado, por sinal; da rotina de algumas semanas em que nenhum acontecimento conseguiu, com razão, fazer vibrar a opinião pública, desforrou-se largamente a Imprensa, com o relato de quantas ocorrências importantes se desencadearam, em súbita competição de sensacionalismo.

Gira em redor da Terra o primeiro satélite artificial, com que os cientistas russos se anteciparam aos seus colegas norte-americanos; e embora o chamado «homem da rua» não consiga perceber que vantagens práticas podem advir de semelhante engenho, não deixa de se entusiasmar, infantilmente, com

mais esta reedição das palpitantes novelas de Julio Verne; há quem receie que o satélite, quando deixar de o ser, se lembre de cair so-

POR
ANTÓNIO MARIA ZORRO

bre as nossas cabeças ou cometer pior malfetoria — são os pessimistas; mas há também quem o considere precursor de uma nova Idade de Ouro, em que norte-americanos e soviéticos se dariam as mãos para ir à conquista dos espaços siderais, deixando em paz os terrenos pomos de discórdia, os lémenes, as Coreias, os Suezes... — são, evidentemente, os optimistas.

Ao largo do Faial um vulcão novo irrompeu, brindando com a sua presença e a sua indiscutível categoria de vulcão de grande classe o Ano Geofísico In-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

536 CONTOS PARA AS CORPORAÇÕES DE BOMBEIROS DO ALGARVE

Por proposta do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios, aprova da pelos sr.º ministros do Interior e das Finanças, foram distribuídos 14.074.599\$00 pelas Corporações dos Bombeiros Municipais e Voluntários do País, importância proveniente da colecta cobrada em 1956, de harmonia com as disposições do Código Administrativo.

Dessa verba, coube ao Algarve o total de 536 contos, assim distribuídos:

São Brás de Alportel, 25.000\$00; Faro, Bombeiros Municipais — 350.000\$00; Faro, Bombeiros Voluntários — 25.000\$00; Lagos, Bombeiros Voluntários — 16.000\$00; Loulé, Bombeiros Voluntários — 15.000\$00; Monchique, Bombeiros Voluntários — 10.000\$00; Olhão, Bombeiros Municipais — 20.000\$00; Portimão, Bombeiros Voluntários — 20.000\$00; Silves, Bombeiros Voluntários — 25.000\$00; Tavira, Bombeiros Municipais — esc. 15.000\$00; Vila Real de Santo António, Bombeiros Voluntários — 15.000\$00.

O DRAMA DAS IDEOLOGIAS

POR
N. RODRIGUES PENA

va, contém, por sua vez, elementos permanentes a todos os sistemas, tais como, a verdade, a justiça, o direito, a moral, representações ideais, categorias humanas, inerentes a todas as fases históricas da civilização. Evidentemente que esses elementos permanentes não estão isentos de múltiplas interpretações, sujeitas, de identico modo, às mesmas leis que regem a natureza e as sociedades. No entanto, não nos precipite-

ASSISTÊNCIA

aos pescadores algarvios

Os pescadores algarvios têm motivo para viverem, hoje, instantes de compreensível regosijo. Graças à acção da Junta Central das Casas dos Pescadores, a que preside o sr. com. Tenreiro (e, em parte, à generosidade de uma senhora, D. Elsa Matoso), passarão a dispor de dois Centros de Assistência Social para pescadores: o de Quarteira, a cuja inauguração se procederá pelas 11 horas, e o de Sagres, que tem o nome da senhora D. Elsa Sottomayor Matoso, que será inaugurado esta tarde, pelas 15,30 horas.

A ambas estas inaugurações preside o sr. dr. Veiga de Macedo, ilustre e dinâmico ministro das Corporações e Previdência Social, que se desloca propiamente ao Algarve, para esse fim.

As cerimónias devem reestir-se de grande lustro. Congratulamo-nos com o feliz sucesso e fazemos votos para que as instituições hoje inauguradas venham a constituir elementos valiosos de real amparo e eficaz protecção aos nossos trabalhadores do mar — que de um e de outro andam bastante carecidos.

A CAMPANHA ELEITORAL

Presidida pelo sr. ministro do Interior, dr. Trigo de Negreiros, realizou-se no Governo Civil de Faro, na passada quarta-feira, uma reunião preparatória do próximo acto eleitoral, que, além do sr.º dr.º António Baptista Coelho, chefe do distrito, e José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província e da Comissão Distrital da União Nacional, e eng.º Sebastião Garcia Ramirez, candidato pelo Circulo, teve a presença de todos os presidentes das Câmaras Municipais e das comissões concelhias da U. N. deste distrito.

Ontem, à noite, e conforme tinha sido anunciado, teve lugar, no ginásio do Liceu de Faro, uma sessão de propaganda eleitoral, em que usaram da palavra os candidatos a Deputado pelo Algarve, sr.º coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior, dr. Mário Angelo Moraes de Oliveira, eng.º Sebastião Ramirez e comandante Henrique dos Santos Tenreiro.

O amplo recinto do ginásio, foi pequeno para conter o elevadíssimo número de pessoas de todas as terras do Algarve, e de todas as condições sociais, que ali afluiram, tendo a sessão decorrido com o maior entusiasmo e num ambiente de elevada fé nacionalista.

O VOTO — UM DEVER CÍVICO

ESTAMOS a menos de quinze dias das eleições legislativas: — das eleições que hão-de levar à Assembleia Nacional os mandatários e representantes idóneos da vontade soberana da Nação. A vontade soberana da Nação, em boa doutrina e verdade, é o bem da Nação que a mesma pretende e procura, por meio dos eleitores — cidadãos idóneos no exercício do direito do voto. Todo o português, cidadão idóneo no exercício do voto, é obrigado em consciência a votar: — a votar nos mandatários ou representantes da Nação na Assembleia

TRÁGICOS AMORES DE ARISTEU E EURÍDICE

O PASTOR Aristeu era filho de Apolo, deus do Sol e da ninfa Cirene, que deu o nome à capital da Cirenaica, do norte de Africa.

Na antiguidade, a fonte

je, uma profissão baixa, pois até os príncipes, filhos de reis poderosos, guardavam na infância, os rebanhos paternos.

Quase tão belo e ardente como o Deus seu pai e ainda bastante moço, Aristeu experimentou desmedido amor por Euridice, ninfa das mais famosas, por seus dotes de formosura e de bondade. Mas preferiu o seu meio-irmão, o notável poeta, músico e cantor Orfeu, discípulo de Linus, e também filho de Apolo e da ninfa Glio, uma das nove musas,

mos em fáceis juízos e, note-se, desde já que a morte duma ideologia raramente, senão difficilmente, coincide com o desaparecimento da estrutura, a sua base real. E a nossa época parece-nos oferecer vasto campo de análise para um flagrante testemunho e comprovação de tão insólito facto. Procuremos exemplificar este fenómeno com um exemplo que se nos afigura adequado: a ideologia saída triunfante do rescaldo da Revolução Francesa de 1789, pode ajudar-nos a compreender todo o processo evolutivo dum sistema de ideias que fatalmente passou pelas fases que vão da sua origem e apogeu, até à sua decadência e provável morte. A partir dos meados do século XIX todo o sistema é abalado por uma crítica que sacode os seus fundamentos. Proclama-se publicamente a sua falência e abertamente manifesta-se a sua incapacidade para cumprir o ambicioso programa. Pois, desde essa época, a ideologia que triunfou nos anos de 89

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

VAI SER RECONSTRUÍDA

A PONTE DO ALMARGEM

Foi fixado para o dia 12 de Novembro próximo, o concurso público para a construção da ponte sobre a ribeira do Almagem, ao Km. 135, 556 da E. N. 125.

A base de licitação é de Esc. 1.596.518\$00.

A COMISSÃO DE TURISMO E VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O VERÃO que é, sem dúvida, a estação turística por excelência, passou. O Outono galgo desatinadamente o pórtico do Tempo, e ei-lo seguido de estranho cortejo, onde se agiganta a «gripe asiática», paralisando os passeios longos a fora de portas.

O turista, aquele que dominicalmente enfia a fatiota nova e seguido da família, utiliza os mais variados transportes, em busca de sol, de alegria, de bem estar, e de uma paisagem alegre, que melhor se coadugne com o seu estado de

IMPORTADORES franceses

DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS de visita a Portugal

A convite do Instituto Português de Conservas de Peixe, encontram-se em Portugal, desde há dias, representantes do Sindicato de Importadores de Conservas Alimentícias e do Sindicato dos Agentes de Importação de Bordéus, em número de cerca de trinta visitantes. Acompanhados pelo sr. dr. António Durão Ferreira, ilustre director daquele organismo de coordenação económica — por quem foram recebidos e com quem têm mantido conversações com vista à intensificação da exportação das conservas portuguesas para França —, aqueles importadores franceses visitaram, no Centro de Setúbal, diversas fábricas. Acompanharam-nos, também, nessas visitas, os presidentes dos Grémios dos Industriais de Conservas de Matosinhos, Lisboa e Sotavento do Algarve, e do Grémio dos Exportadores de Conservas.

A França, embora constitua um excelente mercado para a colocação das nossas conservas de peixe, tem oferecido, ultimamente, dificuldades várias à entrada deste nosso produto. Bom seria, portanto, que os importadores franceses, coadjuvassem os nossos fabricantes e exportadores nas diligências feitas junto das autoridades daquele país no sentido de serem removidas algumas das dificuldades que impedem uma maior intensificação deste ramo de comércio entre Portugal e a França.

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

A dança e a batata

Cinco horas. Liberta das Galés, subo a ladeira que me leva ao miradouro. Sento-me. E sem coragem para folhear o livro que trago, atiro os olhos para a distância que um tom azul veladamente sublinha. O chão está fumado de folhas secas, por onde as mãos do vento correm, intencionais, como as de um pianista. Algumas, sorrateiramente, roçam-me as alpergatas; depois, como os meninos a quem a mãe, de repelão, afasta, rodam e desaparecem num golpe de dança bem executado.

Recordo-me que desejei, em garota, ser dançarina. Era no velho casarão da Rua Direita. No sobrado. A esquerda, o caixão de milho para semente; em cordas, a roupa marítima do pai. Penduravam-se ao teto, atados em guita de Berlim, molhos de polvo seco que tornavam o ar adocicado. No chão, por todo o lado, ressequiam batatas que a avó cuidadosamente escolhera da campanha finda. Afastava os tubérculos para o canto, juntava a roupa na extre-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Meditações singelas

OUTONO ALGARVIO

QUE manhas tão ridentes e encantadoras!

E que noites tão suaves, amenas e deliciosamente românticas!...

Tudo isto acontece aqui, neste Algarve, sonhador e de lendas, onde ainda aparecem traços de mouras que, sem estarem encantadas, vão transmitindo através de gerações os olhos negros e profundos.

E' a quadra do ano mais

COMPARTICIPAÇÃO

O sr. Ministro das Obras Públicas, concedeu pelo Fundo do Desemprego, a quantia de esc. 25.000\$00, à Câmara Municipal de Olhão, para abastecimento de água, à vila da Fuseta.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A Imagem de N. S. de Fátima esteve nesta vila

De passagem para Espanha, esteve nesta vila a imagem de N. S.ª de Fátima, acompanhada dos revs. srs. P. Tomás L. Pujadas, director Nacional da Cruzada Cordimariana e P. Pascual Bueso, que eram esperados em Ayamonte por grande número de fiéis. A imagem de N. S.ª de Fátima percorrerá toda a Andaluzia, realizando-se no dia 8 de Dezembro na cidade de Huelva, a Congregação de Huelva ao Sagrado Coração de Maria.

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se em Paris, em serviço profissional, o sr. engenheiro-agrônomo Acácio Madeira Pinto, nosso prezado amigo e distinto colaborador.

De regresso da sua viagem pelo Sul da Espanha, já se encontra na sua casa de Lisboa o nosso querido amigo, sr. eng. Jorge Manuel Freire Medeiros.

Seguiu para Lisboa a sr.ª D. Pepa Clemente Fernandes de Vasconcelos, esposa do nosso prezado assinante sr. Delmonte N. Fernandes de Vasconcelos.

Depois de passar alguns dias na nossa terra, seguiu para Leça da Palmeira a sr.ª D. Ilda do Nascimento Roberto, esposa do nosso prezado assinante sr. António Romão Francisco.

Acompanhada de sua mãe, sr.ª D. Rosália Domingues Mateus da Silva, seguiu para Lisboa a menina Maria Isabel Mateus da Silva, filha do nosso prezado amigo sr. António Mateus da Silva.

Seguiu para Lisboa, depois de passar as férias nesta vila, o nosso prezado assinante e amigo sr. Alvaro Campero Munhoz.

Acompanhado de sua família, encontra-se em Évora onde fixou residência, o nosso estimado amigo e assinante sr. Tenente João Miguel.

Com pouca demora esteve em Fátima, acompanhado de sua esposa o nosso prezado assinante sr. dr. Joaquim Vaz Palma.

Esteve alguns dias de visita a sua família, nesta vila o nosso prezado amigo sr. Luiz Cândido Glória Coelho.

Nascimento

Deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Lúcia Lasari Ileri de Matos Parreira, esposa do sr. dr. José Manuel Wadington de Matos Parreira, antigo Delegado do Procurador da República, na nossa vila.

Casamento Elegante

Em Lisboa, na Igreja Paroquial dos Anjos, realizou-se com grande solenidade e esplendor o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria José Marques da Costa Rocheta, preñada filha da sr.ª D. Maria Luísa Cordeiro Marques da Costa Rocheta e do nosso estimado amigo e distinto clínico em Lisboa, sr. dr. José Isidro Farrajóta Rocheta, com o sr. Francisco Manoel de Pina Lopes Boulosa, Director adjunto da Soc. Nacional de Petróleos (Sonap), filho da sr.ª D. Alice da Graça de Pina Lopes Boulosa e do sr. Manoel Cordo Boulosa.

Apadrinharam o acto a avó materna da noiva sr.ª D. Rosa de Brito Farrajóta Rocheta e o avó materno do noivo Coronel Francisco de Pina Esteves Lopes, antigo Ministro das Finanças.

Celebrou o acto o grande amigo da família da noiva rev. dr. Sezindo de Oliveira Rosa, que no final da cerimónia dirigiu uma vibrante alocução aos noivos.

Mais tarde seguiu-se um fino copo de água no Hotel Aviz, tendo os noivos seguido viagem de nupcias para o estrangeiro.

Ao novo casal o «Notícias do Algarve» deseja as maiores felicidades.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da imprensa Algarvia.

O VOTO — UM DEVER CÍVICO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Nação na Assembleia Nacional, tem cumprido o seu dever, escrupulosamente — segundo o pensamento de Salazar. Qualquer eleitor de mediana cultura e, sobretudo, português e amigo da Pátria, nacionalista que nada quer, nem por sombras, com os inimigos da nossa Ordem, está certo, convictamente certo, de que os candidatos apresentados pela União Nacional são sempre os idóneos em competência e nacionalismo. Há sempre nestas alturas de propaganda eleitoral a dos opositoristas, que ainda poderá desorientar, mas, pensando bem e verificando que a propaganda da oposição é sempre a mesma, ou seja de derrogação da nossa Ordem, nada pode ao eleitor consciente, e consciente nacionalista, que tem diante dos olhos uma Obra de Renovação Nacional jamais vista, há três décadas, nada pode em boa verdade fazê-lo desviar do caminho do bem da Nação, um bem que, pela Revolução Nacional, não é teórico, senão real. Ideias atrasadas e cediças, língua despejada, conluio com o pior estrangeiro, ânsias de desforre, e nada mais ainda se descobriu nas arengas dos opositoristas. São o refugo do passado, e do passado foi que nos livrámos ou libertámos, se queríamos viver em progresso e ordem e paz e prestígio entre as demais nações. Com a educação política que devemos à Revolução Nacional, mediante o génio do nosso Salvador, Salazar, já nenhum nacionalista, nenhum português digno deste nome, pode haver que vacile no caminho que devemos todos prosseguir, continuar. É dever de gratidão nossa para com Salazar, e também dever nosso para com a Nação: — continuar e querer que continue a obra do nosso engrandecimento e da nossa paz, um bem precioso na vida dos povos.

Logo, apelando, para a consciência do eleitor, mais uma vez, não se levanta diante dele, e de todos nós, bons portugueses de

alma e coração e obras, não se levanta a Pátria, que, estando acima de todos, está acima de todos os nossos caprichos de opinião, e nos exige a respeitarmos em suas tradições, na sua Fé católica de sempre, na sua Ordem e Paz, no seu progresso material e espiritual, na sua independência de doutrina e instituições e mando ao governo, etc.?

Estamos a menos de quinze dias das eleições legislativas, tão importantes, segundo a nossa Constituição, pois todos sabemos que a Assembleia Nacional colabora, coopera, com o Executivo, numa unidade que só a unidade real da Nação justifica, para seu bem. Vai ser chamado às Urnas o eleitor português. Consciente de que, na verdade, não é só uma vontade livre, senão ainda membro, parcela da Nação, e assim da sua soberania, não deixa de votar, e o seu voto, com a consciência dum nacionalista e português, é o voto do bem da Pátria.

Mas nenhum dos nossos votantes pense assim, pois é cobardia: — os outros vão lá, e está garantida a eleição; posso, portanto, escusar-me por qualquer conveniência. Não! Se todos assim pensarem, ninguém vai às Urnas. Não! Somos em consciência obrigados a ir todos, pois queremos afirmar, com eloquência e grandeza, a nossa vontade: — a vontade de que a Revolução Nacional deve prosseguir. Na hora conturbada em que vive o mundo, e havendo entre nós inimigos, demais em ligação com os inimigos da Civilização, não basta dizer que somos nacionalistas e portugueses amantes da Pátria e do seu bem, senão que em público e solenemente o devemos provar. Não falte, pois, nenhum de nós ao plebiscito nacional das próximas eleições: — será de nossa parte, nós os homens bons, e bons portugueses, o testemunho de gratidão a Salazar, o mais íntimo e verdadeiro, porque nosso, exclusivamente nosso.

A. da F.

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

midade da corda — e começava a exibição. A melodia estava dentro de mim, a cavalo nos meus nervos. Improvisava passes e gestos, como o possesso que se contorce, para se libertar dos «espíritos». Por vezes, a pele enrugada dos polvos batiam-me na cara. Estremecia. Invariavelmente, desastrada que sempre fui, acabava por julgar-me com todo o céu por minha conta, afastava-me, pisava uma batata e lá ia eu redonda ao meio do chão.

Agora estou amarrada às gárgulas. Agora a roupa marítima do pai já não tem quem a vista. Agora já não espero vir a ser Ulíánova. Continuo, no entanto, por vezes, a julgar-me com todo o céu por minha conta. E continua a haver sempre uma batata, para debaixo dos meus pés.

A penugem de sumsuma

O azul de muito longe começa a esbater-se até ser completamente devorado pelo lobo branco. O nevoeiro expresso carrega sobre a vila. Não tarda que tudo não seja mais do que um mar instável, de algodão em rama, ondulando, agitado por insólitos toupeiras. Por cima dele, como um naufrago de água até ao nariz, o cano da fábrica só com uma cinta de tifoio fora. Grita. As folhas secas agitam-se mais, como os animais inferiores ao escutarem o leão.

O céu todo por minha conta... Semcerro os olhos. Ih, com que raiva volteio atrada no ar e à mercê do vento como a pe-

nugenaíha da sumauma! As pessoas não andam engatadas ao banco dos forçados. Cantam e sorriem. Os homens são fortes e calmos, de olhar pacificador. As mulheres são alegres e batlam, com papoulas mansas na cabeça. Não seletam nem colhem o pão da mentira. Não sujam nem desprezam o diamante mais belo de todos os diamantes havidos e por haver — o dia que decorre... As aves não debandam ao pressentirem gente. Ao contrário, vem pousar-nos no ombro, espanejam-se adiante dos nossos pés, fortes da sua fragilidade finalmente respeitada. Carradas de trigo passam, não para lucro dos poderosos, mas para a boca dos homens sem excepção.

Reparem no pontinho vivaço, suspenso, fora das garras do lobo branco que se encurva sobre a vila como se abocanheiro um aninho. Direis que é um balão inofensivo, um pobre diabo que pelo S. João levanta a grimpas e fuge do captivo. Ou uma estrelinha miope que se aproxima da terra... Nada disso. É a Manuela com o céu intetro por sua conta.

Um leve ruído à minha volta puxa-me para a terra. É um garotinho esfarrapado, de boné desido para os olhos. Escuri-nho, metade sol e metade sufidade. Descalço. Aperta contra o peito um embrulho do jornal. Enconsta-se ao muro, abre com precaução o embrulho precioso, põe-se a comer, saboreando bocado a bocado. Aproximo-me. Nem lhe dá para fugir. Encolhe levemente a cabeça, tal o cachorro vadio habituado aos castigos sem razão.

— Boas tardes... — digo, procurando sorrir.

— Tardes.

— O que é que estás a comer?

Sem uma palavra, medrosamente, mostra-me o embrulho. São uvas, uvas separadas do arinque, escalavradas, uvas de fim de cabas que os balanços da viagem despeparam.

— Quem tas deu?

— Uma loja ali em baixo.

— São boas?

Fecha um bocadoinho os olhos, abana discretamente a cabeça, como um entendido na matéria.

— Olha lá, se me apetecesse tu eras capaz de me dar um bago?

— Dou.

— E se me apetecesse comer tudo?

Fitou a minha cara magrinha, os meus olhos convictos, gulosos das uvas.

— Dou-lhe tudo. Pegue.

Aguenta firme, Manuela. Não sejas parvinha. Não comeces a fazer beicinho e a ver o menino,



PROVINCIA

TAVIRA

Subsídio para Tavira

Os srs. ministros do Interior e das Finanças aprovaram a proposta do Concelho Nacional dos Serviços de Incêndios, relativo á distribuição da colecta cobrada no último ano, de acordo com as disposições do Código Administrativo. Vão ser distribuídos 14.074 contos pelos batalhões e corporações de bombeiros do País. Para os Bombeiros Municipais de Tavira vão ser entregues Esc. 15 000\$00.

Ainda a Feira de Tavira

De facto houve interessante feira este ano em Tavira, o que há tanto tempo se esperava, pois o que havia não correspondia a uma cidade.

Este ano houve um novo vereador, por sinal de fóra, que renovou a feira e que safu obra de agradecer. Como de costume houve inauguração com convidados a que não nos foi dado assistir, mas nem por isso deixámos de dar o nosso modesto contributo informativo, como sempre o damos quando se trata de notícias de melhoramentos para esta cidade, que anda esquecida por quem devia e podia dar a sua colaboração.

Novo Chefe da Estação

Foi colocado nesta cidade, como chefe da Estação da C. P. o nosso conterrâneo sr. António Joaquim Evaristo Luís, que actualmente se encontrava exercendo idênticas funções na estação de Boliqueime.

Teatro Metálico «Moiron»

Vai ser instalado na rua José Pires Padinha, nesta cidade, este Teatro Desmontável, precisamente no mesmo local onde em tempos funcionou a Companhia Rafael de Oli-

O TURISMO e o « pé descalço »

NINGUÉM ignora que Portugal conquistou no turismo europeu um lugar de honra. O illustre país desconhecido que nós éramos, antes da guerra, passou a ser uma das nações mais visitadas e mais queridas do turista estrangeiro. Os nossos hotéis — e construíram-se alguns nestes últimos anos — mal chegam para receber e agasalhar os turistas que nos visitam e se espalham por Lisboa e arredores, que alongam os seus passeios a várias cidades, vilas e praias, do Norte e do Sul do País, pois o Porto, como Lisboa, recebe constantemente, todos os dias, excursões francesas e italianas, na sua maioria. O facto desvanecce-nos. Para esses turistas Português representa uma descoberta maravilhosa. O clima, a luz gloriosa do nosso Sol, o encanto da nossa paisagem, o pitoresco das nossas praias, o valioso recheio dos nossos museus, o esplendor dos nossos monumentos religiosos — os Jerónimos, a Batalha, o Convento de Cristo, o Mosteiro e a Igreja de Alcobaca e tantas outras jóias arquitectónicas — conquistam, como uma novidade sensacional, os nossos amáveis e simpáticos visitantes. Além disso, o povo português mantém as suas velhas tradições de hospitalidade, concorrendo por sua vez para o prestígio de Portugal.

Mas, no momento em que os estrangeiros nos procuram como nunca para uma estação de férias, quando o País está, finalmente, consagrado como uma das mais belas e aprazíveis zonas de turismo europeu — impõe-se resolver dois problemas, para os quais, muito louvavelmente, já o Conselho Nacional de Turismo chamou a atenção das autoridades: os profissionais da mendicância e o « pé descalço ». Urge quanto antes proceder á sua repressão e ao seu desaparecimento. Para todos os males há sempre um remédio. Que os pescadores, nas prais, nos trabalhos da sua honrada profissão, estejam descalços, explica-se. O que não se explica nem se perdoa é que os turistas estrangeiros e portugueses sejam perseguidos pelos impertinentes industriais da esmola, e assistam nas ruas das cidades e vilas ao espectáculo do « pé descalço ». São casos que o não nos honram, tanto mais que o problema da assistência tem sido encarado, nos principais centros populacionais, com especial interesse.

Há que pôr termo a esse espectáculo do « pé descalço » e do mendigo profissional. A existência desses dois elementos poderá comprometer muito seriamente o turismo nacional.

De: « Viagem »

as árvores, o mundo tremem num estoirar de milhões de perolas. Aclara a voz e canta. Canta de amor. E de orgulho.

Maria Manuela Nunes

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 19 a 25 de Outubro:

Entrados:

ALMAZAN, Espanhol, de 2.629 ton., de Sevilha, com carga em trânsito. SONECK, Alemão, de 1.299 ton., de Sevilha, com carga em trânsito. SCHEDIR, Italiano, de 498 ton., de Leixões, com carga em trânsito. MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, com adubo.

Saídos:

ALMAZAN, para Avonmouth, com alfarroba triturada. SONECK, para Hamburgo, com cortiça e conservas. ZE' MANEL, para Lisboa, com minério e enxofre. SCHEDIR, para Génova, com conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 26 de Outubro a 1 de Novembro, a Farmácia CARMO, Rua S. João do Brito — Telefone 31.

27.º ANIVERSARIO do Grupo «Os Carlos»

Para as comemorações do 27.º aniversário do Grupo «Os Carlos», o mais antigo do nosso País, está previsto o seguinte programa em Lisboa:

Domingo, 5 de Novembro: às 9 horas, Missa na Igreja da Madalena, à Sé, por alma dos sócios falecidos; às 11 horas, romagem de saudade aos sócios fundadores, Carlos Francisco Mega e Carlos Moura da Silva (no Cemitério do Alto de S. João).

2.ª Feira, 4 de Novembro: às 10 horas, distribuição de donativos aos protegidos da Imprensa, aos Carlos necessitados e famílias destes; às 20 horas, jantar de confraternização no salão nobre da sede, abrihantado por uma orquestra.

3.ª Feira, 5 de Novembro: Distribuição de tabaco aos Carlos doentes internados nos Hospitais Cívicos de Lisboa.

4.ª Feira, 6 de Novembro: Distribuição de tabaco aos Carlos detidos nas Cadeias do Aljube e Lidoeiro.

5.ª Feira, 7 de Novembro: Distribuição de tabaco aos Carlos detidos nas Cadeias Penitenciárias de Lisboa e Monsanto.

6.ª Feira, 8 de Novembro: Distribuição de tabacos aos Carlos detidos nas Cadeias Caxias e Linho.

Domingo, 10 de Novembro: Exposição, na sede, Praça da Alegria, n.º 38, dos enxovais oferecidos para serem distribuídos pelas crianças nascidas nas Maternidades, no dia 4 e que tiverem sido baptizadas com o nome de Carlos.

Domingo, 17 de Novembro: Distribuição dos enxovais ás referidas crianças.

CINE-FOZ

Hoje — Uma história vibrante de agitada aventura: RIVALIDADE. Com John Payne, Rhonda Fleming, Ronal Reagan.

Terça-Feira — Em cópia nova o sensacional filme português MADRAGO.

Quinta-Feira — O emocionante filme de boxe: A QUEDA DE UM CORPO, com o saudoso artista Humphrey Bogart.

JÚLIO PADESCA

PUBLICIDADE GERAL

Estudos — Produção — Corretagem

TELEFONE 55480

Rua de Santa Marta, 76 — LISBOA

Simple ou... com água. Peça em toda a parte.



Prefira a melhor... Prefira Kopke

Encerados

Os mais usados pelos camion que circulam no País, por serem os melhores, são os da

FÁBRICA PORTUENSE DE ENCERADOS

«Ansa», «Ansa Especial», «Amyo», «Fapel» e «Cuprex» — em verde, amarelo, preto, cinzento e azul —

Lonas de algodão (cru), lonas de algodão parafinadas, lonas coloridas, anti-nódos, para toldos e bandas transportadoras, para minérios, mercadorias e outros fins.

Vestuário Industrial e marítimo — Avantais para alar rôde, etc. etc.

Consulte o representante no Algarve que se apresentará a V. Ex.ª com o seu vasto mostruário

JOSÉ RODRIGUES DA CONCEIÇÃO Travessa do Judice, n.º 6 — OLHÃO

TRÁGICOS AMORES DE ARISTEU E EURÍDICE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

aquela que presidia a História.

Para os não ver casar, Aristeu procurou o Egipto; Euridice e Orfeu gozaram uma ditosa lua de mel, a bordo do navio Argos, na sua aventureira derrota, através dos oceanos, em demanda do Velo de Ouro, em cuja expedição o aedo tomou parte, com a sua lira mágica.

No regresso, o jovem casal desembarcou no delta do rio Nilo. Euridice, avistando ao longe um verde prado, todo florido de benufares, correu para ele, a colher um precioso ramo daquelas maravilhosas flores.

E na sua cega carreira, foi deparar com Aristeu no mais denso das pradarias, cuja relva tapava um homem. Cheia de terror, diante do antigo namorado, soltou um grito estorrecido, fez meia volta e retirou subitamente e com redobrada velocidade, em sentido inverso ao que trouxera.

O inspirado filho do Sol, que permanecia sentado entre as flores, estudando a vida das abelhas, ouvindo o grito da cunhada e vendo desaparecer o seu vulto gentil, por entre as hastes coloridas, julgou ser tudo um sonho e sem que a sua vontade interviesse, precipitou-se após ela, desvaivando no seu reencendido amor.

Tocando-lhe com as brasas dos seus dedos, ora nos ombros de nácar, ora nas tranças de ouro dos seus cabelos divinos, nunca se atreveu a segurá-la, com receio de a magoar.

A certa altura, Euridice deixou cair um sandália e o louco, abaixando-se para lhe levar, permitiu que lhe ganhasse um maior dianteira.

Quando se julgou salva da peçonha do homem, a infeliz pisou, pelo meio, uma víbora, oculta nas ervas e foi mordida, no calcanhar!

Poucos momentos depois,

a linda ninfa sucumbia a mordidura e o causador involuntário da sua morte, para não morrer também de dor, continuou a sua carreira em direcção da Grécia pátria, donde saíra em tão má hora, e ali se dedicou ao ensino da pastoricia e à criação dos enxames e fabrico do doce mel, ele a quem o destino tornara a existência tão amarga!

Vários poetas de todas as idades dos tempos, têm celebrado o triste fim de Euridice em suas estrófes sublimes.

Barbardim Ribeiro, quando viu fugir-lhe para a longinqua Saboia a sua infanta Beatriz, depois de o trazer enganado desde o berço, produziu, aludindo aos inditosos namorados, a seguinte composição atística:

Porque foges, oh vida desdenhosa, De quem te segue o amor e te deseja! Volve esse rosto a mim tão desejado, Vê que fugir mil males tem causado

Euridice, fugindo temerosa De Aristeu, pastor, quando a seguia, De uma bicha mordida venenosa Foi no pé delicado.

Exemplos te dirão os tempos antigos, Quanto lhes são naturais os perigos: Olhai bem que fugindo, Podes de uma bicha ser mordida.

Camões, com certeza inspirado nesta famosa composição do mestre, e seu semi-comprovinciano, compôs as mais belas estâncias do seu cântico 9.º, do seu imortal Lusíadas, decorrido na Ilha dos Amores:

Quis aqui sua aventura que corria Após Efire, exemplo de beleza Que mais cara que as outras dar queira,

O que deu para dar-se a natureza. Já cansado, correndo lhe dizia: O formosura indigna de aspreza, Pois desta vida te concedo palmar! Espera um corpo de quem levas a mal!

Todas de correr se cansam, Ninfa Pura Rendendo-se à vontade do inimigo! Tu só de mim foges na espessura! Quem te disse que sou eu que te sigo?

Não te cansas que cansas, e se queres Fugir-me porque não possa tocar-te, Minha ventura é tal, que, inda que esperes Ele fará que não possa alcançar-te.

Sousa Nunes

O DRAMA DAS IDEOLOGIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do século XVIII nunca mais conseguiu restabelecer o equilíbrio da sociedade; e os seus princípios vêm-se postos de parte, chegando os próprios que beneficiaram das conquistas económicas a renegarem os princípios sociais e políticos dos Diderot, dos Voltaire, dos Rousseau, sendo esses escritores hoje mais detestados por determinados sectores do pensamento, do que foram na sua própria época. E já outros que pouco ou nada tinham a ver com os resultados da vitória da ideologia, embora tivessem contribuído para o seu advento, se reclamam herdeiros do pensamento filosófico dos escritores do século XVIII. No entanto, a estrutura que deu origem à ideologia resiste, a base real permanece, sem vislumbrarmos um sistema de ideias que lhe corresponda. E da observação dum facto paradoxal que nem todos compreendem, aceita-se ingénua e ingenuamente a separação entre ideologia e estrutura, e explica-se a crise da ideologia sem a relação com a crise da estrutura. Apesar das aparentes modificações enseladas num ou noutro país, de tentativas e experiências que não passaram, na verdade, de autênticas trapaças, o sistema substituiu e adaptou-se, peor ou melhor, às novas circunstâncias.

O bem fundamentado estudo de Charles Bettelheim sobre a economia no tempo do nazismo é uma exposição clara e inofensiva do desenvolvimento dum sistema económico e não o que então se dizia uma negação ou uma superação desse sistema (1).

O drama que afecta as ideologias e as conduz à sua degenerescência e morte tem a sua verdadeira explicação na crise de estruturas sociais e económicas. E enquanto todos estão, numa ma-

neira geral, concordes em resignarem-se e aceitarem a morte ou a inutilidade das ideologias, a uma grande maioria foge-lhe a devida compreensão para verificarem qual a verdadeira origem desse estado anormal de coisas. O que se torna evidente para as multidões é a crise de ideias e não a crise dum sistema. Daí a profusão dos mais diversos diagnósticos das mais variadas crises, sejam «crise de espirito», «crise de pensamento», «crise de carácter», «crise moral» etc.

Temos de aceitar, no entanto, este facto: a base real, a estrutura, consegue sobreviver à sua própria ideologia. As armas ideológicas foram substituídas por outros processos de convicção e defesa. A falta dum ideólogo é infundível um grave sintoma de crise; mas a explicação dessa crise não a devemos procurar nas próprias ideologias, mas antes no movimento da estrutura real que condiciona o desenvolvimento e morte das ideias. Do mesmo modo que a liquidação dum sistema não impede a sobrevivência de ideias e a sua permanência em novas estruturas, acontece também que a morte dum ideólogo não significa a extinção do sistema. O conflito entre o velho e o novo, o falso e o verdadeiro, os fenómenos complexos que observamos no nosso tempo — todo este processo, esta luta entre as civilizações antagonicas é mais prolongado que muitos imaginam. E afigura-se nos residir neste conflito a verdadeira explicação da crise dos nossos dias, crise de estruturas, de ideologias, numa palavra: crise do Homem Contemporâneo. — Rodrigues Pena

(1) Charles Bettelheim — L'économie Allemande sous le Nazisme — Librairie Marcel Rivière-Paris.



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Montijo, 0 — Olhanense, 0

O empate final está certo e reflecte o equilíbrio das forças em luta. A ausencia de golos é que apenas se pode explicar pela relutância de ambos os ataques, mais pronunciadamente o do Olhanense, em concretizar qualquer das inúmeras oportunidades em que o encontro foi fértil. Salvo a ausência de golos, anormal pelo que ficou escrito, o jogo decorreu agradável de seguir e sobretudo disputado dentro de uns moldes de correcção a todos os títulos louvável.

O vento soprou forte, favorável à equipa do Montijo, e, por isso, não foi estranho que o jogo pendesse para o campo dos algarvios.

Feriu-nos a atenção, a facilidade de transposição do jogo demonstrada pelos olhanenses, bons perfilhadores do sistema de fazer correr a bola sem retenções escusadas, que os fazia ganhar terreno sem esforço aparente.

Pertencem, no entanto, ao Montijo as primeiras ocasiões de perigo, derivadas de dois cruzamentos longos da direita, terminados ambos de cabeça, frente à baliza de Abade. O Olhanense respondeu de pronto, com uma boa triangulação da direita, que propiciou a Angelo um remate fulminante, sustido com sorte pelo corpo de Manuel Luis.

O encontro prosseguiu numa toada rápida, sobressaindo as jogadas de bom recorte do sector atacante algarvio, a que faltou, apenas, afoiteza.

Farense, 3 — Estoril, 1

A partida, disputada perante numerosa assistência, teve o condão de desagradar a todos, mercê do fraco nível técnico posto em jogo por ambos os grupos. No Farense, com excepção de Francilino e Armando, toda a linha de ataque esteve abaixo das possibilidades. Ao meio do terreno, onde o Farense habitualmente comanda com facilidade, Realito acusou flagrante baixa de forma, do que se recentiu o rendimento da equipa.

Tarro, o jogador que levou muito público ao campo, nesta sua primeira actuação em Faro, esteve «ausente». Se bem que ainda seja cedo

TORNEIO DE APURAMENTO PARA O CAMPEONATO NACIONAL

DA III DIVISÃO

Hoje, disputam-se pelas 15 horas os seguintes encontros no Algarve:

Em Vila Real de Santo António: Lusitano F. Clube - U. Sambrasense
Em Silves: Silves F. Clube - Louletano D. Clube
Em S. Brás de Alportel: D. S. Brás-Boa E. A. Portimonense

TORNEIO-RELÂMPAGO DE FUTEBOL

Conforme estava anunciado, realizou-se no passado domingo no campo do Lusitano F. C. um torneio de futebol entre clubes populares.

A interessante prova, disputada nos moldes dos chamados torneios-relâmpago, primou por dois factores que a creditaram à simpatia da relativamente boa assistência que correu ao campo «Francisco Gomes Socorro» — a sua boa organização e a correcção, que os grupos participantes demonstraram no decorrer dos jogos. O facto é de assinalar.

A primeira partida foi jogada entre o Guadiana e o Beira-Mar e terminou com a vitória do primeiro por 2-1.

A segunda eliminatória teve como adversários o Celeiro e Leões do Sul, estes do vizinho lugar de S. Bartolomeu. O resultado foi um empate a zero golos, mas o Celeiro ficou apurado para a final por motivo de ter beneficiado, pela tangente, na marcação de «pontapé de canto» a que, nas condições regulamentares, houve de recorrer-se para a qualificação.

O jogo final colocou, portanto, frente a frente os agrupamentos do Celeiro e Guadiana.

Saíu vitorioso o Celeiro por 1-0, golo marcado por Raul, na segunda parte, já quase no fim da partida.

Ao vencedor foi-lhe conferida a taça «Lusitano F. C.», que o capitão do grupo foi receber à tribuna do Juri, por entre os calorosos aplausos da assistência.

Os jogos foram dirigidos pelos srs. André Roque, Luís Félix da Silva e Eduardo Augusto,

para um julgamento concreto, cremos que a sua fraca actuação foi devida a lesionamento muscular, que o colocou fora de «combate» durante quase todo o encontro.

No Estoril, o panorama não esteve melhor. Mostrou alguns ataques bem delineados, com Andrade e Uria em evidência, a fazerem perigar as balizas dos locais. Mas faltando-lhes poder de concretização e, ao cabo, as jogadas perdiam-se nos pés da defesa da «casa».

Aos ataques dos rapazes da Costa do Sol, rapidamente correspondia ao domínio dos algarvios, que pecou, no entanto, por inconsistente, muitas vezes moroso, consentindo que os visitantes fechassem a defesa.

Contrariamente ao esperado, a exibição dos «comandantes» da tabela redundou numa demonstração de mediocridade deixando que o Estoril tomasse muitas vezes a iniciativa do jogo.

Juventude, 2 — Portimonense, 1

Aos 15 minutos Caieiro esgueirou-se pelo lado esquerdo, centrou atrasado para Viegas, que sózinho em frente da baliza adversária, não teve dificuldade em abrir o activo.

O Portimonense obteve o empate aos 30 minutos, na sequência de um canto, que Rogério Conreiras defendeu para perto, proporcionando a Mendaña a recarga com êxito.

O segundo golo da Juventude — o da vitória — foi apontado por intermédio de Caieiro após o estérco ter embatido violentamente na barra da baliza visitante, chutado por Caraca.

O Juventude fez uma primeira parte plena de energia e querer, conseguindo quase sempre manter o comando do jogo.

Não se pode dizer que os eborenses tivessem praticado um futebol ordenado ou até mesmo agradável, mas, pelas qualidades acima apontadas, justifica-se plenamente o seu triunfo, até porque os visitantes se mostraram incapazes de contrariarem os seus desígnios, nomeadamente nos primeiros 45 minutos.

Quanto à equipa algarvia esperava-se, na verdade, que continuasse a comandar a classificação da zona Sul. Afinal os visitantes que-daram-se em exibição modesta, que não corresponde ao seu verdadeiro valor.

Outros resultados

Atlético, 5 — Serpa, 1
Coruchense, 3 — Almada, 1
Montemor, 0 — Arroios, 1
Beja, 2 — Portalegrense, 1

Classificação

FARENSE	12 pontos
PORTIMONENSE	10 "
OLHANENSE	9 "
Atlético	9 "
Montijo	8 "
Arroios	8 "
Desportivo de Beja	8 "
Coruchense	8 "
Juventude	7 "
F. C. Serpa	6 "
Montemor	5 "
Almada	3 "
Estoril	3 "
Portalegrense	2 "

Jogos para hoje

OLHANENSE-Beja; Almada-Montijo; Serpa-Coruchense; PORTIMONENSE-Atlético; Arroios-Juventude; Estoril-Montemor; Portalegrense-FARENSE.

Resultados da Zona Norte

Covilhã, 6 — Peniche, 0
Boavista, 0 — Os Leões, 0
Sanjoanense, 1 — Guimarães, 1
Marinhense, 1 — Tirsense, 1
Espinho, 3 — Chaves, 0
Gil Vicente, 0 — Vianense, 0
Vila Real, 3 — Leixões, 2

Jogos para hoje

Leixões-Espinho; Vianense-Vila Real; Guimarães-Gil Vicente; Tirsense-Sanjoanense; Peniche-Marinhense; «Leões»-Covilhã; Chaves-Boavista.

C. F. CHIASSO CONTRA O SPORTING

Em substituição do Young Boys, que não pode vir a Lisboa, defrontar o Sporting em jogo para o final da «Taça dos Campeões Europeus», será o C. F. Chiasso que defrontará o Sporting, no dia 31 do corrente.

Será um desafio igualmente emocionante, pois o Chiasso, está agora na classificação, à frente dos Young Boys.

A História do "Barrete"

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

esbofetou-se, e nada. A sonhar não estava. Tornou a ouvir a voz, que lhe pareceu vir da árvore. Aproximou-se pensando: Isto é brincadeira do Adão! De pé ante pé chegou junto do velho tronco, quando descobriu um feio bicho, que lhe sorria.

— Olá, quem és tu ó magrizona? Mefistófeles adocicando a voz, apresentou-se:

— Eu sou o Prazer! Sou o Belo! O Impossível!

Eva admirou-se ante aquela estranha aparição, que falava como gente.

— E's feio! Diferente de nós! Não podes ser bom! (Cheirava-lhe a perigo).

— Enganas-te Evita. Eu sou bom e não sou egoísta. Vim para vos dar a conhecer, que nesta árvore, nesta linda árvore, existe um fruto de sabor embriagante! Um fruto que te fará mais feliz, e há-de cativar as graças de Adão, que, não sei se já reparaste, não te passa cartão.

Os olhos de Evita, brilharam intensamente. O que se lhe passou no cérebro, nunca se chegou a saber — foi certamente o segredo de todas as mulheres — e irreflectidamente agarrou um fruto, no qual enterrou os pequenos e brancos (sem clorofila) dentes. Sentiu-se transportada a um Mundo diferente, mais luminoso, mais harmonioso, mais formoso e outros adjectivos terminados em «oso». Embriagada pelo doce fruto, correu a chamar Adão: Adãozinho! Ó Adão!

Adão que estava a fazer uma sorte de cartas, deleitando-se com um bom charuto, ao ouvir o chamamento pensou, o que os seus

Vilarrealenses, amigos do Lusitano, colaborem na Campanha dos 1.000 sócios

MANERO DE NOVO NO BOAVISTA

Afim de obter o indulto de Manero, um grupo de amigos do Boavista, tiveram uma reunião com a direcção deste clube, tendo conseguido que o jogador Manero voltasse de novo a alinhar nas fileiras do Boavista.

NOVO JOGADOR BRASILEIRO PARA O SPORTING?

Correm boatos pelos Jornais desportivos, que o Sporting, está interessado no ingresso do interior pernambucano Ivson, que presentemente joga no Náutico, do Recife.

O ÊXITO DE "TARRO" NO FARENSE

A expectativa que cobria o encontro entre o Farense e o Arroios no Passado Domingo, em Lisboa, revestiu-se no final em alegria.

Tal expectativa era devida à estreita do espanhol «Tarro» no Farense. Ultrapassou tudo quanto era de esperar a auspiciosa estreia do novo «fura-redes» algarvio, que num jogo bem equilibrado, soube empreender boas jogadas e bons lances.

O BENFICA JOGARA COM O DYNAMO-SLAVIA DE PRAGA

O popular clube checoslovaco, Dynamo-Slavia, oficiou ao Benfica, informando-o da sua vontade em jogar com o Benfica, quando da sua passagem por Lisboa.

O Dynamo-Slavia vai empreender em Dezembro próximo, uma tournée pela América Central.

OS BINASTAS PORTUGUESES EM PARIS

No Campeonato europeu de Ginástica, realizado em Paris, onde concorreram grande número de países, os ginastas portugueses, Granger e Prazeres ficaram classificados em 34.º e 36.º lugares, respectivamente, com 48, 20 e 47, 70 pontos.

Foi vencedor o espanhol Joaquim Blume, que conquistou os títulos de campeão em argolas, cavalo com arção e paralelas.

AOS PEQUENOS CAPITALISTAS

Organização, com Sede em Lisboa, de larga e segura actividade, com as melhores referências comerciais e bancárias, ACEITA pequenos empréstimos, garantindo em absoluto capital e juro mensal ou anual.

Carta com indicação das verbas a este Jornal às letras J. M

- 1 E -

semelhantes pensam quando os maçam.

Correu até ao local onde estava Eva e perguntou-lhe o que desejava: — «Querido sabes porque nos proibiram comer os frutos desta árvore? Foi porque os queriam todos! Têm um sabor maravilhoso. Anda, colhe um e prova. Depois me dirás...»

Adão lembrou-se do aviso do Creador e não quiz: Não! Lembra-te do que nos disseram, que não devíamos tocar em nenhum dos frutos dessa árvore.

Nesta altura, Satanás achou que era propício intervir, pois dos sempre podem mais do que um: Ó — Adão, faz-lhe a vontade, não vês que ela quer dar-te um prazer que podia ser seu exclusivo!

Adão, admirado voltou-se para o sítio donde vinha a voz, descobrindo o Inimigo: E tu quem és para te meteres nisto? Nunca ouviste dizer que entre marido e mulher, ninguém mete o dedo! (ainda se comia com as mãos).

— Eva sabe quem eu sou. E se Evita não evita, nem hesita, porque não jogas a mão, ó Adão!

Fazendo ouvidos de mercador, Adão voltou-lhe as costas. Eva não se deu por vencida, e voltando-se para o bichinho, perguntou-lhe qual a melhor maneira de Adão comer o fruto. O Demónio procurou no seu Manual de Maldições, qual seria o sistema a seguir: Olha, esta noite vai fazer calor. Vê se consegues que Adão venha dormir debaixo desta árvore. Prêviamente colherás um fruto, que com um pouco de habilidade ele comerá!

E dando três assobios, desapareceu, esfregando as mãos.

Noitece, Adão limpou pela segunda vez a boca, acendeu um cigarro e despede-se da sua cara metade: Até logo, vou até ao café ver como param as modas, e em sendo onze horas cá estarei. Prepara-me a ceia.

Eva diz-lhe que preparará a cama fora, pois há um calor insuportável. Adão concorda e sai.

Ainda não soára a última badalada das onze (isto no caso de já terem relógio) Adão voltou: Que me prepareste de ceia?

— Uma perdiz corada com umas batatinhas. Adão sorri satisfeito e num ápice engole a perdiz, mais as batatas, Eva seguindo o plano do Demo apresenta-lhe o fruto.

— Outra vez! Clama Adão irado. — Oh! Querido, nunca me fazes a vontade (Eva aplica olhinhos doces e a voz melada). Mau-são! (chora).

Adão que como todos os homens, é parvo, faz-lhe a vontade: Pronto não chores, eu como.

O Malfarrico que se esconde nos ramos da árvore, vibra de contentamento. Adão mastiga com prazer, mas neste meio tempo ao ir engolir sente qualquer coisa cobri-lo, tapando-lhes a visibilidade. Arrepende-se de ter comido o fruto, mas já é tarde, este atravessasse-lhe na garganta. Ouve-se uma risada escarminha, seguida dum grito de vitória: «ENFIEI-LHES O «BARRETE»!»

Eacusado será dizer que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, e o resultado da sua tentação foi o nascimento de Abel (não o do vinho) e Cain.

Esta é a história do 1.º «Barrete» que se enfiou na Humanidade.

E através dos tempos muitos «barretes» se têm enfiado.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

VENDE-SE

Propriedade, sita na Corga das Pancadas, campo da Palmeira, concelho de Alcoutim, atravessada pela estrada Nacional, com arvoredos, vinha e canas, levando 50 alqueires de semente e servindo, muito bem, para instalação de fornos de cal e telhas, com abundância de lenha para manutenção dos mesmos. Quem pretender dirija-se a Manuel Afonso — Montinho de Odeleite, correio da Corte Nova — desta freguesia, no prazo máximo de 30 dias.

AS "CRÓNICAS" FALAM
E O MUNDO ACREDITA
= • =
TUDO 100% ORIGINAL
E COM 1 ANO
DE «GARANTIA»

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO V N.º 229

DOMINGO

27 - Outubro - 1957

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

AGRADECIMENTO

«Que valem triunfos que não têm data!», exclamou um dia em pleno Senado Romano, Caio Metelo.

Não diremos que as nossas «Crónicas» tenham sido um triunfo, somente queremos assinalar uma data.

Bem duro tem sido este caminho de proações, que temos trilhado, de rosto alegre, tentando dar com os nossos escritos, um pouco de alegria a este mundo inquieto e sofrido.

Meio ano de «Crónicas»! Custa-nos a acreditar com estas simples linhas, que semana a semana apresentamos, se tenham mantido tanto tempo, quando no seu princípio, lhes tenham vaticinado uma vida curta e infeliz.

Na passagem desta data, nós queremos mais uma vez recordar, que nunca «Crónicas Irrequietas» tiveram intuídos reservados, ou tircónios de malvez, somente, queremos dar um pouco de humor ao nosso leitor amigo.

Ao finalizar este despretencioso agradecimento, a todos os nossos dedicados leitores, agradecemos a vossa atenção, com um: **MUITO OBRIGADO!**

Os Crónistas



Um dos nossos conhecidos no seu «ESCRITORIO» privativo.

Na Pastelaria

— Faz favor, dê-me aquele bolo...
— O de «LÓ»?
— Não, o de lá.

CRÓNICAS IRREQUIETAS

VIGÉSIMA QUINTA
PUBLICAÇÃO

GOSTO DAS «CRÓNICAS» PORQUE SÃO CRÓNICAS

Afirmou-nos uma menina dos nossos conhecimentos, ao ser entrevistada para as nossas «Bodas de Lata».

Procurá-la junto da pastelaria, pois é o sítio mais «aconchegado», para certos mexericos familiares praticados por essa menina e suas correlegionárias; uma espécie de «magia negra».

Apareceu-nos toda «vamp» e com um sorriso nos lábios, o que nós vaticinámos logo de «bom olhado».

Depois das apresentações usarias e vazieras, eis-nos a entrevistá-la para as «Crónicas».

— Diga-nos, acha que as «Crónicas» têm alguma utilidade na vida privada da mocidade vilarrealense?

— Oh? Sem dúvida: Tenho uma amiga, a tal que tem um andar, assim a modos escanófrético (?) que todas as semanas arranja um namorado que a acompanhe a casa, ora senão fossem as «Crónicas», andávamos muito atrasadas quanto às conquistas de certas meninas.

— Ora muito bem. Gosta então das «Crónicas».

— Sim, gosto das «Crónicas», porque são crónicas, houve quem dissesse que elas acabavam mas, sempre continuaram, é o que eu digo, são crónicas!

— Para terminar-mos a entrevista, diga-nos se tem alguma ideia para as «Crónicas».

— Eu achava que deviam fazer um Campeonato de namoros, sempre gostava de saber, qual era a menina que ganhava. Claro que até se podiam fazer prognósticos...
Achámos a ideia muito boa, pensámos numa certa menina, e abalámos, pois ia começar mais uma sessão de mexericos, e disso nós não gostamos.



Maré-cheia,
Maré-cheia,
Vinha ela
e aquel'outro
Baixa-Mar
Bai chamar
Pai a outro!

FRASES DA MODA

— Cuidado com o Poste!
— Qual Post...
— Cuidado com o Precipício!
— Qual prec,
Pi...

POESIA MODERNA

Meu amor partiu,
Levou
Consigno meu coração.
Para mim o Verão secumbiu
Ao levar a minha paixão.

Tu,
Eu,
Somos dois,
Eu e Tu,
Somos um
Coração à deriva
À procura da vida!

— Mamã, além vem ele!!!...
— Esperei minha filha, homens há muitos.
— Pois sim Mamã, mas casamentos há poucos!...

CENAS DOMÉSTICAS 1958

— Traz-me o café!!!
— Já vai querida, só falta lavar estas chávenas!

— Estúpido, bruto, assassino, vou prá casa da Mamã! Tenho levado toda a tarde a chorar!
— Oh! filha mas eu há meia hora que estou calado...
— Pois é, não dizes mas pensas!

— Chamas-me anjo, e não me compras um automóvel...
— Mas os anjos não andam de automóvel, querida. Andam de avião!

— Oh! Filho compra um automóvel! Com ele poderemos ver o Mundo.
— Qual Mundo filha? Este ou o outro?



A HISTÓRIA DO «BARRETE»

Como nós, muitos rapazes e raparigas hão-de de ter pensado ao dizerem a outrens: «Enfie-lhe o Barrete», qual a procedência de tal frase:

Nós, sempre no louvável intuito (há quem diga que não) de satisfazer-mos a curiosidade do nosso semelhante, procurámos imediatamente a origem da frase em questão. Para tal fomos ao sótão, em procura de velhos alfarrábios, que nos levassem à descoberta da origem da frase «Enfie-lhe o Barrete».

Depois de muito procurar, conseguimos encontrar o que procurávamos, e aqui vamos relatar a «História do «Barrete» através dos Tempos»:

Quando Adão (nosso pai) e Eva (nossa mãe) viviam no Paraíso, Santanás discurdando com

Uma História

Nasceu. Amou. Casou e Morreu.
Uma história mais curta:
Nasceu. Amou. Morreu.
Mais curta:
Nasceu. Morreu.
Ainda mais curta:
Nasceu morto.

Sabe qual é o cumulo da força!
Dobrar uma esquina.

aquela vida descuidada e paradisíaca, pensou:

— Tenho de expulsá-lo daqui! E se bem o pensou, melhor o fez. Depois de muito matutar encontrou uma ideia, que só um cérebro demoníaco como o dele, seria capaz de conceber!

Pegou numas folhas de pitósporos, e com a habilidade própria da sua alma satânica, fez um enorme barrete cónico.

Com inúmeros cuidados aproximou-se da Arvore Proibida e pendurou o produto do seu trabalho num galho, que lhe pareceram mais frágeis.

Seguidamente Satan, começou a emagrecer, a adelgar-se, transformando-se numa horrível e peçonhenta serpente. Com três assobios enrolou-se preguiçosamente na árvore rugosa, e colocou uma corda no cimo do barrete, cuja ponta prendeu nos seus reptantes dentes.

Eva que, como Adão, fora avisada de que não deveria comer o fruto proibido, passeava próximo, quando lhe pareceu ouvir uma voz aguda que a chamava: O Eva! O Eva! O Eva! Intrigada, olhou para todos os lados sem conseguir descobrir a procedência, daquela estranha voz.

— Estarei a sonhar? (naquele tempo já se sonhava), beliscou-se, (CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

CARTA DE LISBOA

ENTRE VÁRIOS ACONTECIMENTOS

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ternacional que vivemos. Mas embora fenómenos desta natureza não sejam de modo algum surpresa para o povo açoreano — que ao longo de várias gerações recebeu a herança do destemor perante a ameaça infernal oculta no seio das suas ilhas — nem por isso o vulcão ainda sem nome deixou de ser um grande, um assustador acontecimento, que só graças a Deus se não transformou em catástrofe, a enlutar a comunidade portuguesa, e que, graças ao arrojo de um jornalista português, teve um momento de alta vibração emocional, um momento de lusitaníssimo espírito de aventura.

Entretanto, a epidemia da gripe asiática alastrou pelo País; e embora a sua comprovada benignidade, e embora a forma como rapidamente se tomaram todas as possíveis providências, para atenuar as consequências desta inesperada sabotagem ao viver familiar de cada um, a gripe continua a ser, a par do satélite artificial e do vulcão do Mar dos Açores, tema obrigatório das conversas, seja qual for a categoria dos interlocutores.

Além da gripe, há também um campanha eleitoral; mas uma campanha em tudo semelhante às anteriores, e de muito menor interesse para a opinião pública — e para o País — do que o histórico debate com que no Tribunal da Haia se

iniciou o julgamento do litígio entre Portugal e a União Indiana.

Mais do que as complicadíssimas dissertações jurídicas tecidas ou desfeitas em torno do processo pendente no Tribunal da Haia, mais do que o veredicto que oportunamente for dado por aquele Tribunal, preza a Nação a consciência do seu Direito próprio, o inquebrantável patriotismo das populações do Estado da Índia Portuguesa e o sacrifício heroico de quantos já deram a vida na defesa daquela fronteira oriental da Pátria; mas nem por isso a notável actuação dos Professores Galvão Teles e Bourquim deixou de emocionar a opinião pública; mas nem por isso a opinião pública escondeu o regosijo com que diariamente, através da Imprensa, viu esborçar-se a maça defesa com que os advogados europeus da União Indiana haviam procurado acautelar os interesses inconfessáveis da sua constituinte.

Não faltaram, pois, para a opinião pública nacional, na quinzena agora finda, acontecimentos capazes de a preocuparem ou de a distraírem. E' um deles — precisamente o debate no Tribunal da Haia — foi capaz de algo mais, ao trazer de novo a primeiro plano a suprema certeza da Unidade Nacional.

António Maria Zorro

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

A Comissão de Turismo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tempo de Verão e até a sinfonia dum dia chuvoso!

A «Comissão de Turismo», que na nossa terra tem sido uma utopia, tem de começar a trabalhar. O Verão passou, mas dentro em pouco avizinha-se outra estação do ano, que, para certos turistas que nos visitam, é a mais bela: «As amendoeiras em flor».

Dentro de poucos meses, a nossa terra regorjitará de gente ansiosa, que ainda vem maravilhada com o manto de neve perfumada, que cobre todo o Algarve, e que num panorama encantador, se desenrolou sob os seus olhos.

A «Comissão de Turismo», tem de tomar a iniciativa de organizar uma propaganda intensa, para convidar o forasteiro, a inscrever no seu «carnet de viagem» uma pequena volta de mais alguns quilómetros, até este extremo sul da nossa província.

Para incitamento, temos a amenidade do nosso clima beira-rio, a graça da nossa vila, o verdejante da mata, a pesca desportiva, o Parque de Campismo, Monte Gordo, etc., toda essa propaganda é necessária, para o bom funcionamento do turismo local.

Falou-se na construção de um Hotel em Monte Gordo, que viria suprir as faltas de alojamento, que têm tornado inhóspita para muitos estrangeiros, uma terra tão acolhedora como é Monte Gordo. Mas até agora, tudo tem estado tão silencioso, como a Torre de Nesle!

Propôs-se a formação de uma Sociedade por quotas, para a edificação do Hotel.

Nada se fez, ninguém respondeu para se formar tal Sociedade. A nosso ver, tal plano seria ingrato e infrutífero. Não só, ninguém quiz dar o seu dinheiro, de que não foram oferecidas nenhuma garantias, nem sequer se apresentou qualquer entidade responsável, pelo bom andamento do projecto.

E a entidade escolhida, se é que já estava escolhida, possuía suficientes conhecimentos, para dirigir a Sociedade, seria o seu nome um justificado incremento para novas quotas, e para que o Hotel desse os dividendos mínimos, para dar lucro?

Nada disso, se propôs ou disse. Apenas se se ia construir uma Sociedade por quotas, sendo 10.000\$00 o valor mínimo de cada acção.

Nada mais, assim como o projecto foi apresentado, assim a

resposta foi muda, tudo ficou na mesma sem se estudarem as causas ou os efeitos.

Porque não fazer, à semelhança da Costa do Sol, uma Sociedade tendo à frente um forte capitalista conhecido de todos, de conhecidas provas de idoneidade, e com vastos recursos no negócio a elaborar.

Constituir-se-ia uma sociedade denominada por exemplo «Sociedade Turística de Monte Gordo».

Esta Sociedade, após ser constituída ficaria com o monopólio de todas as pensões, cafés, divertimentos em Monte Gordo, ou numa área delimitada.

Os cafés, as pensões dessa zona pagariam um imposto à Sociedade que tinha tomado o monopólio, assim como todos os divertimentos, que lá se estabelecessem durante os meses do Verão.

O Casino seria arrendado pela Sociedade, e estaria aberto todo o ano. O «Parque infantil» e os toldos seriam também concessionados pela dita Sociedade.

O Parque de Campismo estaria igualmente na Sociedade, e os «courts» de Ténis seriam explorados também por ela.

Desta forma, é a única solução prática, de forma a dar alguns lucros à Sociedade formada por quotas.

Mas deixando o Hotel, que por enquanto dorme o sono dos justos, preocupemo-nos com a Praia de Santo António, que este ano teve menos afluência de turistas, devido à falta de saneamento, à localização de uma zona de Banhos, e à respectiva nomeação de um Banheiro.

Tudo isto prejudica a afluência de forasteiros, e o bom nome da Praia. Depois do saneamento da praia, sem os montes de areia, sem as matas de giesta, que dão um ar de abandono, e que tapam à vista os extensos areais, teremos uma praia alegre, desprovida de luxos, mas acolhedora e saudável.

Vão começar os trabalhos, para finalizar as obras de construção de uma estrada, que dá acesso à Praia, mas para que a estrada, se nada se faz para melhorar as condições turísticas do local, não se pode esperar que todas as iniciativas venham de particulares.

Situada num local esplêndido para a Pesca Desportiva, a Ponta de Santo António, com os restos das antigas muralhas de St.º António de Arenilha a entrarem pelo mar, é o sítio esplêndido para

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

E o Infante, monge solitário, estudava e fitava o mar, rasgando o véu que não deixava vislumbrar, o que havia mais para além!

Ali viveu, anos seguidos e viverá eternamente, a indicar aos novos o seu grande exemplo de abnegação e de trabalho.

O algarvio é, por natureza, aventureiro. Nada lhe mete medo. Se a vida não lhe corre bem, emigra a procurar situação melhor para si e para os seus.

Alegre, por tradição, quantas mágoas o torturam silenciosamente!...

Mas a sua fisionomia é sempre franca, prazenteira e com um riso malicioso estampado no seu rosto moreno...

Brilha com alegria o sol neste dia outonal, em que o campo já começa a estar mais verde e a água a cicciar nas fontes.

Sente-se a felicidade de viver, de gozar o vasto panorama que a natureza, generosamente, nos concedeu e o nosso coração, agradecido, deseja bradar bem alto!

— Meu Deus, como tudo isto é lindo!

Neste cantinho algarvio, tão pequeno, mas tão cheio de dádivas sublimes, há

os numerosos adeptos, que já existem entre nós.

Há que promover algumas festividades, afim de atrair forasteiros para comprovarem a riqueza das nossas águas, ajudando assim o entusiasmo sempre crescente que possuem os pescadores amadores da nossa terra.

A «Comissão de Turismo» muito tem a fazer, para pôr Vila Real de Santo António ao nível dos maiores centros turísticos da nossa província, para tal basta mostrar perseverança e boa vontade, pois o resto é com a população, e dessa temos nós a certeza do êxito.

A. de Mendonça

OUTONO ALGARVIO

em todos os pontos, em todas as praias, cidades, vilas ou aldeias, paisagem diferente, variada, mas que prende para sempre.

O clima de uma temperatura muito boa, nesta estação de Outono, excede tudo que se pretenda imaginar.

Outono é como sinónimo de calma, sossêgo e harmonia.

No Algarve há recantos que têm dado e continuarão a oferecer, assuntos maravilhosos para quadros que mãos de artistas lhe dão vida e cor.

Nesses mesmos recantos, poetas inspirados, têm lançado ao papel versos repletos da essência amorosa, que o ambiente fértil ao tema lhes oferta.

Em religioso silêncio encontro-me admirando um trecho magnífico da linda Praia da Rocha, onde tudo é sonho e poesia. Sinto de repente a vontade imperiosa de escrever, de dizer o que vai na minha alma:

Viver, mas viver feliz!
Ouvir perto o som do mar.
E' o mesmo que quem diz:
Caminha sempre a sonhar!...

Sobre a minha cabeça e de todos os algarvios, continua o benéfico Outono que já não alberga os grandes calores, mas ainda não contém o frio invernal.

Devemos sentir como nos cobre com o seu manto rendilhado, aspergindo com galhardia e carinho uma sensação tão agradável como reconfortante.

E', portanto, com o sorriso nos lábios e a ventura no coração que devemos receber amavelmente o Outono algarvio!

Natércia Algarve

Visado pela Comissão de Censura